



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

15 DE NOVEMBRO DE 1977.

ENTREVISTA CONCEDIDA A TELEVISÃO
VENEZUELANA.

Sr. Presidente, o Brasil é chamado o colosso do Sul, país continente e muitas outras coisas que descrevem seu tamanho ou crescimento industrial. Como descreveria o Brasil de hoje, o país que está presidindo ao terminar 1977?

— Eu não considero que o Brasil seja um colosso. É, sem dúvida, um país de grande extensão territorial; nós temos mais de 8.5 milhões de quilômetros quadrados. É também um país que já tem um grande contingente de população; somos cerca de 110 milhões de brasileiros. Mas, absolutamente, não somos um colosso. Nós somos um país que procura se desenvolver, se adaptar aos tempos modernos, realizando esse desenvolvimento de uma maneira integrada. Nós procuramos nos desenvolver economicamente, ao mesmo tempo em que buscamos o desenvolvimento social; conjugado com esses dois desenvolvimentos, procuramos o melhor desenvolvimento político. Achamos que esses três aspectos — econômico, social e político — têm que caminhar juntos. Não se pode imaginar um grande desenvolvimento político se o desenvolvimento social não acompanha esta marcha. Esta é a tarefa que o Governo tem em vista, levando em conta as diferentes áreas e os diferentes problemas que o país tem.

Temos uma região sul e sudeste bastante desenvolvida, com boa agricultura, industrializada. Temos uma área-problema, que é o Nordeste, onde as condições de clima são desfavoráveis, porque é uma região sujeita, periodicamente, a secas. Temos o Centro-Oeste, que é muito fértil e que está em vias de desenvolvimento, em grande parte em decorrência da mudança da capital para Brasília. E, finalmente, temos a extensa área da Amazônia, que agora está começando a ser desbravada. A nossa preocupação é, neste conjunto, melhorar as condições locais, de modo a diminuir as diferenças que existem entre as diferentes regiões, e dessa forma assegurar uma melhor integração do País.

Qual é o problema mais sério que seu país tem ou terá que enfrentar no futuro imediato, devido ao desenvolvimento industrial dos últimos anos? O crescimento é problema ou solução para o Brasil?

— O crescimento, sem dúvida, é um objetivo que todos nós temos. E sempre queremos crescer mais; mais no sentido econômico e no sentido social. É claro que o crescimento é um problema, porque necessita de recursos e cada vez que nós nos desenvolvemos queremos mais. Isto é próprio da natureza humana. Se não fosse assim, a humanidade não teria progredido tanto quanto progrediu nesse último século. Mas os problemas que surgem, eu acredito que com tenacidade e trabalho se consiga resolver. Os dois problemas mais difíceis com que nos defrontamos, e que às vezes são antagônicos, são o do balanço de pagamentos, em que nós procuramos

melhorar, sobretudo, as condições comerciais, de modo a obter um melhor equilíbrio, e, de outro lado, o problema da inflação. A inflação é um mal crônico no Brasil e às vezes ela aumenta, outras vezes diminui, e a terapêutica que nós aplicamos nem sempre é eficiente. Às vezes, corremos o risco de que o remédio não dê resultado e outras vezes de que com o remédio nós matemos o doente. Então nos preocupamos em combater a inflação, mas sem que isso nos traga desemprego ou recessão. Eu poderia dizer que os dois problemas mais difíceis, presentemente, são esses.

Por que nem a Venezuela nem o Brasil têm trocado visitas de presidente em sua larga história como países vizinhos?

— Somos países vizinhos, somos países irmãos, mas, infelizmente, a geografia foi desfavorável no passado a uma maior aproximação. Veja que o Brasil é um País voltado, em grande parte, para o Oceano Atlântico, e a Venezuela se orienta mais para o Caribe e para o Atlântico Norte, nas suas vinculações com a América Central e mesmo com os Estados Unidos e o Canadá. São direções diferentes. Temos uma grande fronteira comum mas numa região onde por muito tempo a civilização não penetrou. Vale dizer, as nossas fronteiras ainda hoje são quase que inteiramente fronteiras mortas. Entretanto, com o desenvolvimento que o mundo experimentou, sobretudo quanto a transportes e comunicações, nós vamos nos aproximando cada vez mais, e essa separação do passado tende, por todos os motivos, a desaparecer,

seja pelo enlace ao longo das fronteiras, seja pelo enlace aéreo e mesmo o marítimo. Isto fez com que, no passado, os presidentes não se encontrassem. Eu tenho a lembrança de que o primeiro encontro se realizou em 1973, entre o Presidente Médici e o Presidente Caldera, na localidade de Santa Elena, próximo às fronteiras entre os dois países, e agora vamos ter uma nova oportunidade de encontro, com a visita auspiciosa do Presidente Perez aqui no Brasil.

— Nosso Continente tem diversos sistemas políticos, mas, mesmo assim, parece que agora estamos nos aproximando mais do que nunca, apesar de nossas diferenças. Crê que dentro de um tempo imediato nossos sistemas políticos se parecerão mais, ou serão ainda mais diversos?

— Eu acredito que todos nós professamos a ideologia da democracia, todos nós procuramos ser países democráticos e, nesse sentido, eu imagino que os países da América se aproximem. É claro que cada um deles conservará as suas características próprias. Essas democracias terão nuances, formas diferentes de expressão, modalidades diversas na sua execução, correspondendo à índole, à tradição, aos costumes dos respectivos povos. A longo prazo, evidentemente, a tendência será sempre para uma maior semelhança.

— Como surgiu a idéia do desenvolvimento da Amazônia, e que espera o Brasil que se alcance, se o Pacto Amazônico se tornar realidade?

— A região amazônica é compartilhada por vários países: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia,

Venezuela, que participam da região, as próprias Guianas e, em grande parte, o Brasil. O Brasil tem a maior parte da bacia, mas todos esses outros países também participam e, aí, há problemas comuns, há problemas de conservação ecológica, há problemas de exploração nacional, problemas de transportes, de comunicações etc. O Brasil acha que, dada a comunidade desse problema, é interessante nós nos unirmos na procura e no encaminhamento de soluções, pela cooperação, pela conjugação de esforços; em vez da ação isolada de cada um, nós podermos, em prazo muito menor, influir adequadamente para que os problemas da área se resolvam e que a região deixe de ser uma região passiva, como é hoje em dia, na sua grande parte, e passe a proporcionar recursos e meios para o desenvolvimento humano, além do desenvolvimento dos nossos próprios países. Por outro lado, nós achamos que é preferível que nós, que integramos a bacia, cuidemos desses problemas, ao invés de outros países.

— Que acha que resultados trará a visita que faz o Presidente Perez a seu país?

— Eu já disse, há pouco, que considero esta visita altamente auspiciosa. De um lado, pela personalidade do Presidente Perez, de outro lado, pela significação que a Venezuela tem, não só no quadro da América do Sul ou da América Latina, mas no quadro mundial. O Brasil é um país grande, e a Venezuela o é também, e é um país de grande expressão econômica. Eu acho que a vinda do Presidente Perez e as conversações que ele terá aqui,

conosco, representarão uma nova etapa em nosso relacionamento, permitindo que se abra uma porta pela qual possamos transitar e produzir e realizar, conversar e conjugar melhor os nossos interesses com os interesses da Venezuela e da própria América Latina. Imagino que esta visita não trará de imediato nenhum resultado concreto que se possa apresentar especulativamente aos nossos países, mas será um início, e um início que vai produzir frutos muito grandes no futuro.

Concluindo com esta resposta, eu desejo aproveitar a oportunidade para, através da Televisão Venezuela, transmitir ao povo da Venezuela as nossas maiores simpatias, os nossos sentimentos de fraternidade, e manifestar a esperança de que, com esse início de entrelaçamento mais positivo entre os nossos países, nós nos tornemos, cada vez mais, conhecidos uns dos outros, mais irmãos, mais amigos e com capacidade de trabalharmos em conjunto em benefício geral.